

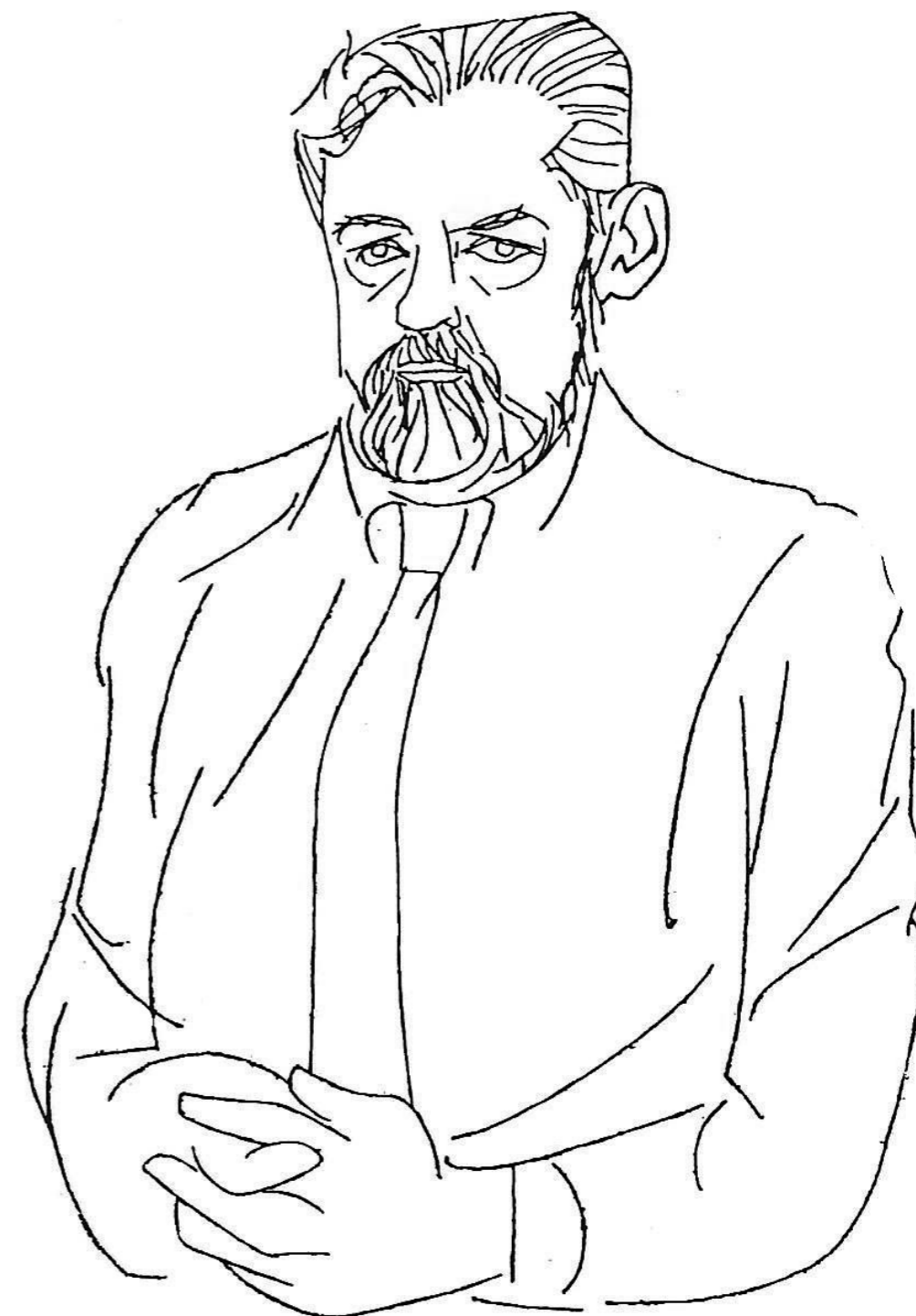
**Autores da coleção de arte de Mário Cláudio**

A. Fernandes de Sá  
A. Pastor  
Abílio  
Abreu Pessegueiro  
Adelino Ângelo  
Agustina Bessa Luis  
Alberto  
Albuquerque Mendes  
Alfredo Martins  
Ângelo de Sousa  
Armanda Passos  
Armando Alves  
Artur Ramos  
Augusto Gomes  
Aureliano Lima  
Carla Gonçalves  
Carlos Basto  
Constantino  
Domingos Pinho  
Domingues Alvarez  
Ellen Rassmussen  
Emerenciano  
Evelina Oliveira  
Fátima Lambert  
Fernando Lanhas  
Fernando Marques de Oliveira  
Fernando Saraiva  
Francisco Laranjo  
Gil Teixeira Lopes  
Graça Martins

Graça Morais  
Isabel de Sá  
Isabel Saraiva  
Jaime Izidoro  
Joana Rêgo  
João Cutileiro  
Jorge Pinheiro  
José Rodrigues  
Júlia Landolt  
Júlio Resende  
Laura Cesana  
Luís Veiga Leitão  
Luísa Ataíde  
Luísa Gonçalves  
Manuel Casimiro  
Maria Antónia Pestana  
Maria da Conceição Pinto Ferreira  
Maria Irene Ribeiro  
Mário Cláudio  
Melo Júnior  
Mónica Baldaque  
Pedro Tamen  
Rogério Ribeiro  
Rosa Ramalho  
Rui Aguiar  
Stuart Carvalhais  
Tiago Manuel  
Tiago Veiga  
Valentim Malheiro

COLEÇÃO  
**MÁRIO CLÁUDIO**

Curadoria  
Jorge Velhote e Laura Castro



ORGANIZAÇÃO

**ÁRVORE – COOPERATIVA DE  
ACTIVIDADES ARTÍSTICAS, C.R.L.**

Rua Azevedo de Albuquerque, 1  
4050-076 PORTO - PORTUGAL  
Tel.: +351 222 076 010  
geral@arvorecoop.pt  
www.arvorecoop.pt  
facebook.com/arvorecooperativa/  
instagram.com/arvorecooperativa/



**CENTRO CULTURAL  
DE PAREDES DE COURA**

Avenida Cônego Bernardo Chousal  
251 780 124  
251 780 120"



APOIO

**CMC - CENTRO MÁRIO CLÁUDIO**



MUNICÍPIO DE  
PAREDES DE COURA

**CENTRO CULTURAL DE PAREDES DE COURA**

2021

# Colecção Bicho-Careta

Os objectos aqui expostos, mediante a graça de amigos que os julgaram dignos de vir a público, marcam uma fase de balanço da existência, a merecer porventura alguma explicação. Açambarcados ao sabor de impulsos que nem sempre se estremam do reprovável fetichismo, ficarão para o entendimento do ofício de escrita do seu titular, e nem mais, nem menos, do que na dimensão do calendário com a *pin-up* semi-nua, testemunha do quotidiano do proverbial mecânico de automóveis.

Coisas expressivas da afectividade, e decalcando por isso um pendor muito íntimo, não extravasam por vezes do estatuto do farrapinho que ao longo da marcha se apega ao nosso rosto, e que resulta do acaso da descoberta, da dádiva, ou da retribuição. Não se distinguem assim dos produtos da colheita empreendida pelo animal que, intuindo a chegada do Inverno, arrecada em época amena os víveres que lhe permitam enfrentar a austeridade.

Por falar de fauna justificar-se-á que se deixe nestas linhas o registo do comentário de um velho companheiro que, colocado ao facto da intenção alimentada por uns quantos dilectos, de assinalarem com esta mostra cinquenta anos de percurso temperamental, reagiria com o mais espontâneo dos azedumes. “Hoje qualquer bicho-careta tem uma colecção”, resmungaria ele, debitando nestes termos, se bem que inconscientemente, uma constatação de impecável rigor.

Faltou-lhe entretanto acrescentar, o que se compreende, que há ocupações que valem sobretudo pela humanidade de quem as exerce. E não se chamando o detentor destas peças Calouste, nem Thyssen, nem Wallace, nem Frick, nem Guggenheim, e nunca tendo sido general napoleónico, czar de todas as Rússias, ou ministro do III Reich, leva consigo o diminuto nome português, mas para vos ser útil na paixão da partilha.

Mário Cláudio  
Porto, Outono 2020



# Mário Cláudio: invocação, nitidez e magnitude de uma gramática infinita

Laura Castro, Jorge Velhote

As galerias de arte não são apenas espaços de exposição onde as obras, criteriosamente dispostas em paredes imaculadas, em suportes de chão ou atrás de caixas de vidro, atraem o olhar, uma a uma, na sua unidade irreduzível. Dos anos 60 em diante, as galerias foram ocupadas por intervenções a que se convencionou chamar ambientes, envolvimentos ou atmosferas. Aquela unidade transformou-se numa totalidade e o olhar foi disputado por outros sentidos. A indeterminação tomou conta destes lugares que, sem deixarem de ser galerias, foram também ateliers, oficinas, salas de estar ou quartos de dormir, por vezes, habitados pelos artistas. Os espectadores circularam a custo – fosse pelos obstáculos gerados pela instalação, fosse por alguma repulsa ligada ao sentimento de invasão de lugar privado – por entre móveis, objectos decorativos, instrumentos de trabalho, obras em curso, roupa, adereços pessoais e tudo o que, do quotidiano do artista, se trasladou para o espaço expositivo para fruição e arrebatamento ou experiência e confronto.

Pensemos agora no movimento inverso, aquele que instala a galeria na casa e a preenche gradualmente com obras de arte provenientes de aquisições, ofertas de amigos, heranças de família, cumplicidades de trabalho. Em redor delas organizam-se espaços de amizade e devoção, articulam-se histórias e actualizam-se memórias. No sítio específico de cada desenho e de cada pintura instaura-se um altar pessoal, uma memória a ser habitada pelo deambular diário e íntimo, o secreto olhar dos animais domésticos nos seus desvãos, uma sombra desprevenida que recorta o olhar mais nocturno ou fásca na surpresa dos amigos em visita.

Nada disto é novo, mas estas palavras de história – da arte e da vida privada – introduzem o que aconteceu na *Árvore*, nesses dias de Outubro de 2020 e agora, na Primavera e Verão de 2021, no Centro Cultural de Paredes de Coura. A transmutação das galerias em interiores domésticos e vice-versa evoca-se com naturalidade neste espaço que já foi casa, galeria, casa, de novo, e assim por diante.

Estamos deste modo na presença de um certo sentido para a vida, de certas heranças incólumes, de ritos de passagem que resgatem destinos e dimensionam atmosferas, breves ou longos gestos afectuosos que desvelam parcerias insuspeitas, metamorfoses electivas que sublinham a selecção dos sentimentos e a sua perenidade intocável. Descobrimos ou reconhecemos

o concreto que suspeitávamos como leitores. Ou sôfregos aspirávamos ver desvelado um dia sem contingências a resgatar-nos a ignorância. Apenas sequiosos insondáveis.

Podemos então tocar não o descarnado, mas o detalhe, a certeza do lugar, a cor ou a linha que na sua tensão e timbre condiciona a existência e é território do prazer e da beleza – uma pausa entre passagens que bifurcam a memória ou sibilam nas metáforas e nas sequências descritas onde o olhar estrangeiro se expôs à leitura e há humidade das histórias – um jogo inaudível, orgânico como um labirinto insone – ou ramo de água na concavidade do vento.

Esta colecção do escritor Mário Cláudio ocupa um terreno vago na matriz do cânone expositivo, paira como a luz sobre a penumbra para dar a ver, como numa fotografia, o interior sigiloso e criativo de um escritor que inventa e cria connosco aqui a nobreza incontida do seu olhar – é uma porta aberta para uma balada documental ou um hino que se insinua percutindo a estranheza das solidões comunicantes ou um hiato sem fim que crepita carregado de personagens e ternura que alumiam o tempo na sua arquitectura insólita.

Também aqui podemos esbracejar um confronto sinuoso e líquido entre autores e obra num rumor comungante que faça germinar e misture desconcertante o âmago das cinzas ou a matéria essencial dos sonhos nos seus bramidos minuciosos e indizíveis.

Impelido, o nosso olhar visitante fundeia-se num sopro sem crepúsculo, num reflexo misterioso que acolhe o itinerário da nudez sem duração na morada que tantos acolhe em sabedoria.

O que nos dizem estes objectos acerca daquele que os detém? Estes objectos também são o seu mundo, o seu gosto, as suas afinidades e as suas circunstâncias. Não sabemos se percebemos melhor o escritor Mário Cláudio por testemunhar fragmentos do seu universo privado –, sem temor ou excessiva arrogância, acreditamos que podemos contemplar um pouco do que, como leitores e amigos, louvamos na sua obra e se expande a transparecer – mas, se não pudermos entendê-lo melhor, podemos, com nobreza, seguramente celebrá-lo.